

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-MA-020

Entrevistado: Elias da Silva

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Mariana / Vagão Oficina de Vídeo e Sala de Histórias

Data da entrevista: 21/03/2007

Horário da entrevista: 17h30min

Duração da entrevista: 59mim06seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Elodia Honse Lebourg, Bernardo Alves de Brito Andrade (monitor). Intervenção: Jason Barroso Santa Rosa

Gravação da entrevista:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Rafael Almeida Santos (monitor)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Bernardo Alves de Brito Andrade

Data da transcrição: 16/04/2007

Conferência de fidelidade: Elodia Honse Lebourg

Data da conferência: 18/04/2007

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

Elodia Lebourg – Boa tarde.

Elias da Silva – Boa tarde.

Elodia Lebourg – Eu queria começar com o senhor falando seu nome completo.

Elias da Silva – Meu nome é Elias da Silva.

Elodia Lebourg – Quando e onde o senhor nasceu?

Elias da Silva – Eu nasci em uma pequena cidade de Minas Gerais, cujo nome é Porto Firme.

Elodia Lebourg – Qual é a data do seu nascimento?

Elias da Silva – Eu nasci em 27 de janeiro de 1964.

Elodia Lebourg – Qual é o nome dos seus pais?

Elias da Silva – Jésus Atanásio da Silva e Dulcinéia Eleotéria Gonçalves.

Elodia Lebourg – De onde eles eram?

Elias da Silva – Meu pai é da cidade de Piranga, Minas Gerais, e minha mãe é da cidade de Porto Firme, Minas Gerais.

Elodia Lebourg – O senhor tem irmãos?

Elias da Silva – Eu tenho oito irmãos. São três irmãs e quatro¹ irmãos.

Elodia Lebourg – Sabe me dizer o nome e a profissão de cada um?

Elias da Silva – Sim. Eu tenho um irmão mais velho, [inaudível] Pedro da Silva, que também é minerador, trabalha na Companhia Vale do Rio Doce. Tenho uma irmã, Maria Gonzaga da Silva, que é do lar. Tenho uma irmã, Zilda Eleotéria da Silva, também é doméstica, trabalha em casa, do lar também. Neuza Eleotéria da Silva, também do lar. O outro irmão, Geraldo Eleotério da Silva, é pedreiro. José João da Silva trabalha na área de mineração da Vale; não na empresa Vale do Rio Doce, mas em uma empresa contratada. Outro irmão, Anelito Eleotério da Silva, também é pedreiro. E o caçula da casa, Aparício Sóstenes da Silva, trabalha também na Companhia Vale do Rio Doce.

Elodia Lebourg – São muitos trabalhando nessa área! Você sabe atribuir uma razão a isso?

Elias da Silva – Olha, meu irmão mais velho começou trabalhando na empresa Samitri². Vamos dizer, ele foi quase um dos fundadores da empresa, na época.

¹ O entrevistado se enganou: são cinco irmãos.

A empresa era muito pequena. Ele começou trabalhando lá e, de certa forma, influenciou boa parte da família, inclusive a mim, que depois fiz um curso de Mineração patrocinado por ele. Hoje atuo na Vale do Rio Doce, também na área de mineração.

Elodia Lebourg – Os outros irmãos também tiveram apoio do irmão mais velho?

Elias da Silva – Sim. Eles tiveram apoio não só do irmão mais velho como depois apoio meu mesmo, para que entrassem e trabalhassem também na área de mineração.

Elodia Lebourg – O seu pai trabalhava com o quê?

Elias da Silva – Meu pai sempre trabalhou com agricultura, não é? Ele já teve terreno, já fez carvão de lenha, já plantou café. Hoje é aposentado como trabalhador rural.

Elodia Lebourg – E sua mãe?

Elias da Silva – Minha mãe sempre trabalhou no lar, até pelo fato de ter nove irmãos³, não é? [riso] Ela não tinha tempo para trabalhar fora, tinha que cuidar da família em casa.

Elodia Lebourg – Ela tem nove irmãos?

Elias da Silva – Não. No caso, eu tenho nove irmãos⁴.

Elodia Lebourg – Ah, sim!

Elias da Silva – Quer dizer, ela tinha que cuidar de nove filhos. Então não tinha tempo para trabalhar fora de casa.

Elodia Lebourg – Como foi feita sua formação profissional?

Elias da Silva – Eu fiz o ensino normal, o Ensino Fundamental, o Ensino Médio. O Ensino Médio foi ensino profissionalizante, através... Pela influência do meu irmão, eu fui para a Escola Técnica Federal em Ouro Preto⁵ e fiz o curso de Mineração. Por influência dele mesmo eu fiz o curso e pretendia trabalhar inclusive na empresa em que ele trabalhava antes, que era a empresa Samitri. Aí eu me formei e entrei na Vale, como estagiário, em 1984.

Elodia Lebourg – Estagiário em que área?

² Minerações Trindade S/A.

³ Provavelmente, o entrevistado quis dizer “filhos”.

⁴ Provavelmente, o entrevistado quis dizer “oito irmãos”.

⁵ Escola Técnica Federal de Ouro Preto, atual CEFET, Centro Federal de Educação Tecnológica.

Elias da Silva – Na área de tratamento de minério da Vale, como estagiário técnico de mineração.

Elodia Lebourg – Isso foi em 1984.

Elias da Silva – Isso.

Elodia Lebourg – Por quanto tempo o senhor ficou como estagiário?

Elias da Silva – Na realidade, eu entrei em fevereiro de 1984, como estagiário. Em novembro do mesmo ano, fui contratado como supervisor de operação da Companhia.

Elodia Lebourg – Então foi seu primeiro emprego?

Elias da Silva – Meu primeiro emprego.

Elodia Lebourg – Na Vale.

Elias da Silva – É. Antes, eu trabalhava com meu pai na agricultura, mais no sentido de ajudar no custeio do ensino, na compra de material escolar e também para me manter em Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Em que consistia esse estágio na área de tratamento de minérios?

Elias da Silva – Eu trabalhava em uma área de processos: desenvolvimento de tratamento de minérios, desenvolvimento de insumos, desenvolvimento de equipamentos. Quando fiz estágio, meu trabalho era exatamente desenvolver novos insumos, novos reagentes para o processo que a gente chama de processo de flotação de minério de ferro.

Elodia Lebourg – Flotação de minério de ferro?

Elias da Silva – De minério de ferro, isso.

Elodia Lebourg – O que é isso?

Elias da Silva – É um processo por meio do qual a gente separa o mineral útil – no caso nosso é a hematita, que é o minério que tem ferro – do minério quartzo, que é um minério não desejável para o produto, para a produção de ferro, de aço, não é? Então, esse processo separa esses dois minerais, explorando características químicas de superfícies.

Elodia Lebourg – Você permaneceu nessa área por quase um ano, no estágio.

Elias da Silva – É. Foi de fevereiro a novembro.

Elodia Lebourg – Em seguida, você foi ocupar um cargo de supervisão?

Elias da Silva – Supervisão de operação, mas na operação de embarque de minério. Então, qual era o meu trabalho? O meu trabalho era comandar uma equipe que tinha a função de carregar os vagões de minério, para esse minério ser transportado para o Porto de Tubarão⁶. Isso lá na Mina de Conceição⁷, em Itabira.

Elodia Lebourg – Seu estágio foi em Itabira também?

Elias da Silva – O estágio foi na Mina de Cauê⁸, na usina de Cauê. E fui contratado como supervisor de operação de embarque da Mina de Conceição. As duas minas em Itabira.

Elodia Lebourg – E em seguida? Depois desse cargo de supervisão, você teve outros cargos ou permaneceu neste?

Elias da Silva – No ano seguinte, eu fui convidado a vir para a Mina de Timbopeba⁹.

Elodia Lebourg – Em 1985?

Elias da Silva – Em abril de 1985, eu vim para Timbopeba, trabalhar como supervisor na mesma área, área de embarque. Com o tempo, eu fui assumindo a área de embarque e a área de beneficiamento de minério. Até 1988, trabalhei como supervisor da área de embarque de minério. A partir de 1988 até 1991, eu trabalhei como supervisor de operação de usina. Depois passei para o desenvolvimento de processos: voltei para área em que fiz estágio, só que agora como supervisor da área de desenvolvimento de processos.

Elodia Lebourg – O que é desenvolvimento de processos?

Elias da Silva – O trabalho da gente é desenvolver insumos, seja para o processo de flotação, seja para o processo... Por exemplo, carregamento de minérios: a gente usa reagentes para conter o pó durante o transporte, não é? E também desenvolvimento de equipamentos, melhoria de desempenho de peneiras, de britadores, e os equipamentos normais que a gente usa no tratamento de minério.

Elodia Lebourg – Entendi. Até quando ficou nesse cargo?

Elias da Silva – Eu fiquei nesse cargo até 2003, como técnico especializado na área de desenvolvimento de processos. A partir do momento em que adquiri

⁶ Localizado em Vitória, capital do Espírito Santo.

⁷ Mina de minério de ferro explorada pela Companhia Vale do Rio Doce.

⁸ Mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce.

⁹ Mina explorada pela Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Ouro Preto.

um curso superior – eu fiz o curso de Matemática na UFOP¹⁰ –, fui promovido para um nível superior. Aí eu passei para o cargo de analista operacional, que faz praticamente a mesma função que eu fazia antes (desenvolver processos), só que em um cargo de nível superior e não mais em um cargo de nível médio, em que estava anteriormente.

Elodia Lebourg – E em seguida?

Elias da Silva – Em seguida, em julho de 2005, eu fui promovido a gerente de toda a produção de Timbopeba, das usinas: atualmente, usina de Timbopeba e usina de Fábrica Nova¹¹.

Elodia Lebourg – Como gerente de produção, quais são suas atribuições?

Elias da Silva – Minha atribuição é produzir minério com qualidade e embarcar esse minério para ser disponibilizado para o pessoal da logística, para o transporte para Tubarão. O que é isso? Na realidade, a gente tem a responsabilidade de desenvolver processos, de testar equipamentos, testar insumos, fazer a produção e fazer o embarque desse minério com qualidade e prazo.

Elodia Lebourg – E prazo?

Elias da Silva – É. Prazo, porque nós temos metas de produção para cumprir. São metas diárias, mensais e anuais. A gente tem que cumprir aquele volume de produção dentro de determinado prazo. Ou seja, não adianta produzir só com qualidade. Eu tenho que produzir com qualidade, mas dentro do prazo. Sem me esquecer da responsabilidade ambiental, segurança do trabalho e responsabilidade social. Então, tudo isso tem que estar incorporado na nossa operação do dia-a-dia.

Elodia Lebourg – Como gerente de produção em Timbopeba, como consegue alcançar essa demanda de responsabilidade social, por exemplo?

Elias da Silva – Olha, a partir do momento em que a gente está cumprindo um programa de produção, a gente já vai manter toda a geração de receita de forma mais ou menos sustentável. Isso é importante inclusive para as comunidades com as quais a gente está trabalhando. A gente também tem que manter um bom relacionamento com as comunidades, não é? Então, na minha função de gerente, eventualmente a gente participa de eventos na cidade. A

¹⁰ Universidade Federal de Ouro Preto.

¹¹ Mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Mariana.

gente é convidada a participar, tipo apoiando, dos programas sociais da Vale, inclusive levando essa imagem da empresa, essa imagem que a empresa tem de desenvolver a comunidade, de gerar riqueza e ao mesmo tempo desenvolver as comunidades onde atua. Então, nós temos o papel inclusive de levar isso para fora da empresa.

Elodia Lebourg – Como é feito esse “levar para fora da empresa”? Existe algum tipo de divulgação, de projetos? Eu digo isso relacionado à sua área específica, Gerência de Produção. Vocês, funcionários dessa área, atuam diretamente nessa área de responsabilidade social?

Elias da Silva – Diretamente não, não é? Aqui, vamos dizer assim, esse *link* entre a gente e a comunidade, muitas vezes, é feito pela Fundação Vale do Rio Doce¹²: ela é o braço social da Vale, ela tem a função de fazer isso, não é? Mas, como a Fundação não consegue cobrir toda a área onde a Vale atua, então isso fica muito a cargo das gerências locais. Nesses encontros com a comunidade, muitas vezes, a gente representa a Fundação Vale do Rio Doce. Por exemplo, no Vale Alfabetizar, eu participei de alguns projetos de entrega de certificados: em nome da Vale do Rio Doce e, ao mesmo tempo, em nome da Fundação Vale do Rio Doce, a gente fala da importância daquele programa, do porquê fazer, do objetivo da gente ao fazer um programa tipo Vale Alfabetizar para aquela comunidade. Quer dizer, a gente quer mostrar para a comunidade que a gente não só produz minério de ferro; produz minério de ferro dentro do contexto da região onde a gente está trabalhando. Além disso, o próprio pessoal que trabalha com a gente é estimulado a levar essa idéia da Vale do Rio Doce para fora da empresa.

Elodia Lebourg – Como é o horário de trabalho de um funcionário da Vale do Rio Doce? São horários de escala? Como funciona isso?

Elias da Silva – No caso específico da produção, que é a minha área, nós temos um grupo de pessoas que trabalha... A maior parte trabalha em turnos de revezamento. São turnos de seis horas em uma escala que a gente chama de escala “quatro folga um”: o empregado trabalha quatro dias e folga um dia. E retorna à escala. A gente trabalha com cinco turmas: enquanto quatro trabalham, tem uma de folga. Uma outra parte, que a gente chama de parte do

¹² Fundação Vale do Rio Doce de Habitação e Desenvolvimento Social.

peçoal que trabalha dando suporte técnico para a produção, trabalha em um horário fixo, das sete às 16 horas, de segunda a sexta.

Elodia Lebourg – Essa escala que o senhor comentou: “quatro folga um”... É isso?

Elias da Silva – Isso. Trabalha quatro dias e folga um dia.

Elodia Lebourg – Quatro dias em que horário?

Elias da Silva – São turnos de seis horas. O primeiro turno começa à uma hora da manhã e termina às sete; o outro de sete às 13; 13 às 19; 19 à uma hora da manhã.

Elodia Lebourg – São 24 horas.

Elias da Silva – Vinte quatro horas ininterruptas, no caso da produção, sendo que quatro turmas estão trabalhando e uma está de folga.

Elodia Lebourg – Qual é o horário de serviço do senhor?

Elias da Silva – Meu horário é de sete e meia às 16 e 30, podendo variar em função da necessidade, tanto minha, quanto da empresa. O horário não é rígido, não é? Mas alguns compromissos, por exemplo, eu mantenho na minha agenda: às oito horas da manhã é uma reunião da produção. Quase obrigatoriamente eu tenho que estar lá às oito horas, senão eu coloco uma pessoa para me representar. Mas é importante que nessa reunião às oito horas da manhã eu esteja presente, até para a gente poder analisar o que ocorreu no dia anterior e traçar estratégias para recuperar alguma produção que foi perdida, ou algum problema de qualidade, qualquer coisa que tenha que ser... Algum desvio que tenha que ser corrigido.

Elodia Lebourg – Essa reunião ocorre todos os dias? Ela é diária?

Elias da Silva – Diária. Às oito horas da manhã, a gente tem uma reunião interna. A gente chama de reunião interna: é uma reunião da Gerência de Produção. Às nove horas, nós temos reunião com as outras gerências que, de certa forma, trabalham junto com a gente: Gerência de Manutenção, Engenharia, Processos. É uma reunião de integração e também para dividir as responsabilidades pelos desvios ou para combinar qualquer outra estratégia de produção.

Elodia Lebourg – Nesse sentido, o senhor não deve trabalhar nessa escala “quatro folga um”. Você trabalha em quais dias da semana?

Elias da Silva – Não. Eu trabalho de segunda a sexta, no horário de sete e meia às 16 e 30, podendo variar em função de necessidade minha ou da empresa. E tem um grupo de 17 pessoas que trabalham nesse horário, de segunda a sexta, de sete às 16. São técnicos especializados de produção, analista operacional, um supervisor de controle operacional que trabalha durante o dia e que dá suporte para o pessoal do turno trabalhar, não é? O pessoal do turno tem sua rotina já escrita, em procedimentos operacionais, mas é importante que ele seja o tempo todo alimentado com novas informações, novas estratégias de controle. Então, esse pessoal do dia trabalha fazendo esse papel, analisando o resultado do processo e falando com ele: “Oh, nós temos que caminhar nesse sentido e não naquele”.

Elodia Lebourg – Aproximadamente, são quantos funcionários subordinados ao senhor?

Elias da Silva – Olha, diretamente... Como é a nossa estrutura? Tem uma gerência e as supervisões, não é? Então, teoricamente, as pessoas que estão ligadas diretamente a mim são as supervisões. Hoje, eu tenho seis supervisores. Desses seis supervisores, cinco rodam com turmas (cada um tem uma equipe) e um trabalha com a equipe dele, dando suporte operacional, no horário administrativo, como a gente fala. Agora, o departamento todo tem 138 pessoas. Teoricamente, eu sou o responsável por todos eles, mas hierarquicamente o supervisor estaria ligado diretamente a mim e essa equipe ligada aos supervisores. É assim que funciona a nossa dinâmica, nossa organização.

Elodia Lebourg – Todos vocês trabalham em Timbopeba.

Elias da Silva – Todos nós...

Elodia Lebourg – Trabalham lá no setor.

Elias da Silva – Todos nós trabalhamos em Timbopeba. Em Timbopeba, nós temos duas usinas, como eu disse: uma usina que trata o minério de Timbopeba e uma usina que trata o minério de Fábrica Nova.

Elodia Lebourg – O de Fábrica Nova vem para cá para ser tratado?

Elias da Silva – Vem para ser tratado. Em Fábrica Nova, nós temos uma instalação de britagem. Esse material é transportado por correias transportadoras até a Mina de Timbopeba, uma distância de cerca de 12 quilômetros.

Elodia Lebourg – Doze?

Elias da Silva – Doze quilômetros.

Elodia Lebourg – Ele é tratado da mesma maneira?

Elias da Silva – É. Os processos são bem parecidos, não é? A diferença é que nós temos dois circuitos: um circuito tem moagem e o outro não tem moagem. Mas o objetivo é produzir um granulado, um *sinter feed*¹³ e um *pellet feed*¹⁴ para o mercado. Esse é o objetivo dos dois circuitos.

Elodia Lebourg – Moagem?

Elias da Silva – Sim.

Elodia Lebourg – É moer, é isso?

Elias da Silva – Moer. Na realidade, é o seguinte: você tem que dividir o minério em vários tamanhos seja para adequar para o mercado, seja para adequar para o processo, porque tem processo que trabalha com um tamanho e tem processo que trabalha com outro tamanho, não é? Então, nos processos de redução de tamanho, que a gente chama de fragmentação, nós temos as etapas de britagem e temos etapas de moagem. Moagem trabalha com um tamanho muito menor do que uma britagem. Então, dependendo do tamanho a que você quer chegar, vai usar a britagem ou vai usar a moagem.

Elodia Lebourg – Essa diferença de tamanho é de acordo com o produto que vai ser feito a partir do minério? É isso?

Elias da Silva – É. O tamanho depende de duas coisas: ou o tamanho que o mercado exige... Normalmente tem tamanho... Por exemplo: o granulado tem uma determinada faixa que o mercado aceita; o *sinter feed* é outra faixa; o *pellet feed* também é outra faixa. Mas pode ser que, às vezes, eu tenha que transformar tudo em *pellet feed*. Aí eu vou gerar só um produto. Aí eu tenho que moer até chegar àquele tamanho que o processo seguinte, no caso a flotação, vá absorver aquele material ou não... Eu não consigo colocar material grosso na flotação. A flotação é um processo para tratar dos finos. Obrigatoriamente eu tenho que moer.

Jason Santa Rosa – Como se chama, Senhor Elias? *Pellet feed*?

Elias da Silva – *Pellet feed*.

Jason Santa Rosa – Ah, pedra...?

¹³ Um dos produtos do minério de ferro, destinado à sinterização na siderurgia.

¹⁴ Um dos produtos do minério de ferro, obtido nas usinas de pelotização.

Elias da Silva – *Pellet feed*.

Jason Santa Rosa – Como soletra? É em inglês?

Elias da Silva – É em inglês. É P-E-L-L-E-T, *pellet*, vem de pelota. É só se lembrar de pelota.

Jason Santa Rosa – *Pellet*. Ah!

Elias da Silva – E *feed*, do verbo *to feed*, alimentar.

Jason Santa Rosa – Entendi.

Elodia Lebourg – São duas palavras.

Jason Santa Rosa – Um é *pellet feed*. E o outro?

Elodia Lebourg – *Sinter*...

Elias da Silva – *Sinter feed*. E o outro, que a gente chama de *natural pellet ore*, é o granulado.

Jason Santa Rosa – *Natural pellet*...

Elias da Silva – *Pellet ore*. Muita gente costuma falar a sigla, NPO: *natural pellet ore*.

Elodia Lebourg – Como vocês vão para o trabalho? Como se deslocam os operários ou os supervisores e gerentes, de Mariana ou Ouro Preto para a usina?

Elias da Silva – No caso, a gente tem uma linha de ônibus. Ônibus especiais contratados pela Vale fazem essa linha Ouro Preto para Timbopeba, ou Ouro Preto para Alegria¹⁵, Mariana para Timbopeba, Mariana para Alegria. Tem uma linha de ônibus regular que atende a todos os empregados. Especificamente no caso do gerente, ele tem um carro para se deslocar. Isso porque, no meu caso, por exemplo, eu trabalho em Timbopeba e nossa sede fica em Alegria. Então, eu tenho que ter um carro até para ficar mais fácil... Às vezes, surge uma reunião de última hora e eu estou em Timbopeba. Não teria como eu usar veículo de linha regular, porque aí realmente ia perder tempo.

Elodia Lebourg – Sim, claro.

Elias da Silva – Mas com esses objetivos.

Elodia Lebourg – Nesse horário do senhor e dos turnos, tem intervalo para algum descanso?

¹⁵ Mina de Alegria, mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Mariana.

Elias da Silva – Tem. No caso do turno, é inclusive exigência legal ter 15 minutos para lanche. No caso do pessoal que trabalha no regime administrativo, tem uma hora de almoço. Além disso, quando o empregado do horário administrativo chega, a Companhia cede um lanche chamado desjejum: um café da manhã, um pão com manteiga, leite. Antes de começar o expediente, o pessoal toma esse lanchinho.

Elodia Lebourg – No caso do turno, o senhor comentou que são 15 minutos. Mas, conforme o horário, pára para o almoço ou para o jantar?

Elias da Silva – Não. A lei só obriga à turma de oito horas ter o intervalo para almoço. No caso de seis horas, a lei obriga que seja lanche e que sejam disponibilizados 15 minutos para o lanche. O que a gente faz, normalmente, é o seguinte, através do sindicato: para você não ter que parar a instalação, ou parar o caminhão, ou parar o trator, esses 15 minutos são negociados de maneira que o empregado possa lanchar na hora que quiser; não tem um horário definido de parar e, em compensação, a gente paga os 15 minutos para o empregado. Então, ele tem suas horas normais, mais 15 minutos do lanche que a Companhia paga. Dá essa flexibilidade para ele lanchar na hora que achar mais conveniente.

Elodia Lebourg – No caso dos administrativos, como é o almoço?

Elias da Silva – O almoço começa às 11 horas e termina às 13 e 30. A gente distribui o pessoal nesses intervalos. De meia em meia hora, tem um ônibus fazendo circulação na área: leva esse pessoal ao refeitório, o pessoal almoça e desce uma hora depois. Ali tem um ônibus para trazê-los de volta para a usina.

Elodia Lebourg – Quem fornece o almoço é a usina? A Companhia?

Elias da Silva – A Companhia. Para a Vale inteira tem uma empresa contratada – inclusive é um contrato consolidado –, que faz essa refeição e fornece. A gente paga uma pequena taxa referente a essa refeição. É quase insignificante o valor da refeição, que a gente paga.

Elodia Lebourg – Geralmente, em que consiste a alimentação?

Elias da Silva – A alimentação da Vale é controlada rigorosamente pelo serviço de nutrição da Companhia. Nós temos uma pessoa especializada para fazer esse controle. E a Companhia se preocupa muito com a questão do balanceamento dessa refeição. Então, existe uma variedade muito grande de saladas, normalmente dois tipos de carne: o empregado pode escolher entre

um e outro, ou os dois. É *self-service*, não tem ninguém para servir para a gente. Na realidade, o pessoal só repõe o balcão e a gente se serve. Normalmente, dois tipos de sobremesa, suco, refrigerante... Se deixar, a gente fica bastante gordinha! [risos]

Elodia Lebourg – Eu ouvi dizer que tem dia que tem sorvete.

Elias da Silva – Tem sorvete, picolé, não é? Tem dia que tem feijoada! [risos]

Bernardo Andrade – Feijoada fica ruim para trabalhar depois, não é?

Elias da Silva – É. A gente... O próprio serviço de nutrição procura servir feijoada somente na época de inverno. E a gente, às vezes, até se preocupa... Por exemplo, a gente procura até orientar o restaurante para não servir esse tipo de refeição no dia em que o pessoal vai fazer um esforço maior, alguma atividade mais pesada, como no dia de parada de usina, porque tem serviço de manutenção. Essa época de verão, por exemplo, não tem feijoada. Não se serve isso. Nessa época, a gente privilegia as saladas, as comidas mais leves, massas, alguma coisa assim que não seja tão pesada.

Elodia Lebourg – O senhor tem direito a férias?

Elias da Silva – Tenho. Todo empregado tem direito a 30 dias de férias, por ano.

Elodia Lebourg – Geralmente, nesse período, o senhor se afasta mesmo por 30 dias?

Elias da Silva – Não. O que a gente faz... É até uma preferência nossa, que trabalha no horário administrativo. Normalmente, dividir as férias em dois períodos é aberto para o pessoal que tem função técnica ou curso superior ou para gerente. A gente tira 15 dias, não é? Muitos empregados gostam de fazer isso, porque combina com as férias de janeiro, com a família, com os filhos que estão estudando. E tiram os outros 15 em julho. No caso das pessoas que têm acima de 50 anos, a lei obriga a que tirem os 30 de uma vez. Não existe essa opção, porque a lei obriga a tirar 30 dias e não tem discussão. A gente procura se afastar, mesmo. No meu caso específico, eu deixo um oficial no meu cargo e, normalmente, desligo meu celular. De vez em quando eu ligo, não é? Deixo lá e falo: “Manda uma mensagem só aí. Eu retorno”. Mas é muito raro a gente ter que fazer esse tipo de trabalho durante as férias. A gente organiza o trabalho de tal forma para que possa realmente sair de férias.

Elodia Lebourg – Nesse período de férias, o que o senhor e sua família costumam fazer?

Elias da Silva – Mineiro, a gente gosta muito de ir à praia, [risos] normalmente vai à praia. Este ano, por exemplo, eu saí de férias e nós fomos para Paraty¹⁶, curtir o patrimônio histórico, o fim da Estrada Real¹⁷... Interessante!

Elodia Lebourg – O senhor comentou que, durante suas férias, outro funcionário fica encarregado pelos seus serviços.

Elias da Silva – É.

Elodia Lebourg – É outro gerente? É um supervisor? Como é isso?

Elias da Silva – Normalmente, a própria Companhia orienta que o gerente seja substituído por um supervisor. Até porque ele já está dentro da carreira sucessória, ele já está exercendo a função de gestão. Então, é recomendação da Companhia que se faça isso. Como, durante o dia, eu tenho um supervisor de controle operacional, que participa de todos os problemas, de todas as soluções do dia-a-dia, então ele é a pessoa que a gente considera apta para poder substituir. Então sai sem nenhuma perda. Eu posso sair e deixá-lo lá que não tem problema. E a tendência é que a gente organize o trabalho para não ficar também muito presa ao trabalho.

Elodia Lebourg – Que tipo de benefício ou auxílio existe para o senhor e para sua família?

Elias da Silva – O benefício mais famoso da Vale que a gente conhece – eu conheço há 23 anos – é assistência médica, não é? A assistência médica é imbatível, se a gente for comparar com o mercado. É imbatível no nível hospitalar, no nível de clínica, de odontologia... É um dos grandes ganhos que a gente tem. Além disso, tem a questão da ajuda para material escolar. Tem a bolsa alimentação, a ajuda de custo para alimentação: além do salário, a gente participa desse benefício com um cartão todo mês. E tem a aposentadoria, a complementação. Apesar de pagar por isso, a Companhia entra com uma parte também; então, a gente não pode deixar de considerar isso. A gente paga um determinado percentual, até 9%, no plano que a gente chama Vale Mais. É uma complementação para a minha aposentadoria, depois. Não vou ficar

¹⁶ Município do Rio de Janeiro.

¹⁷ Antigas vias autorizadas de acesso à região das reservas auríferas e diamantíferas da Capitania de Minas Gerais, que se iniciavam em Paraty ou no Rio de Janeiro e iam até Ouro Preto e também Diamantina.

dependendo do INSS¹⁸ pagar toda minha aposentadoria. Quer dizer, ele vai pagar, mas com certeza o meu salário vai cair quando me aposentar. Esse plano Vale Mais visa a complementar a parte do INSS, para que eu não sofra muito essa diferença de salário quando me aposentar. A Companhia faz o seguinte: eu entro até 9% e a Companhia entra até 9%; a partir de nove, se eu quiser pagar mais eu posso pagar, só que a Companhia não me acompanha mais. Esse é o limite que ela acompanha e acho que já é uma grande participação dela. Com a vantagem do plano Vale Mais: se me aposentar e quiser retirar todo o dinheiro que está lá, eu posso retirar. É um dinheiro meu que está lá. No dia em que me aposentar, eu vou falar: “Eu quero tirar todo o dinheiro, investir, comprar uma casa, abrir um negócio, sei lá!” Eu posso tirar todo aquele dinheiro de uma vez só e abrir o negócio. Não preciso ficar, mensalmente, recebendo aquele benefício.

Elodia Lebourg – Existe algum tipo de auxílio moradia? Mariana tem bairros que foram construídos pela Vale, uns prédios que as pessoas até conhecem como “prédios da Vale”. Existe isso?

Elias da Silva – Na verdade, é o seguinte. Eu fui uma das pessoas que usei esse benefício, no passado. Como funcionava isso? A Fundação Vale do Rio Doce contratava uma construtora e fazia toda a intermediação do negócio. Mas, na realidade, as casas eram financiadas pelo Banco Nacional de Habitação, depois pela Caixa Econômica Federal¹⁹. Então, a Fundação Vale do Rio Doce intermediava esse negócio e como fazer a fiança etc e tal. No passado, nós tivemos dois bairros: o bairro Jardim Inconfidentes, onde moro; depois, a Vila Maquiné, que também foi construída dessa forma. Depois tivemos também prédios no Jardim Inconfidentes. Hoje a Vale não tem esse tipo de programa. Mas a gente pode, por exemplo, através da Valia, pegar dinheiro emprestado, a juros competitivos, para construir casa, para estudar... A gente pode usar esse recurso para fazer isso.

Elodia Lebourg – Através do quê?

Elias da Silva – Da Valia, a Fundação de Seguridade Social da Vale. A gente pode pegar dinheiro emprestado lá para poder financiar a construção de casa, comprar casa, inclusive para bolsa de estudos também é possível, com juros

¹⁸ Instituto Nacional de Seguridade Social.

¹⁹ Instituição bancária do Governo Federal.

bastante competitivos. E pode-se pagar em um prazo relativamente longo. No passado, essas casas não eram doadas para a gente. A gente entrava nesse plano, conseguia a casa, mas a gente pagava as prestações normalmente para a Caixa Econômica Federal. No nosso caso, depois a Caixa Econômica Federal fez como fez no Brasil inteiro: facilitou, para quem quisesse quitar de uma vez. Na época, quem quitou fez um bom negócio, porque teve redução do valor do imóvel.

Elodia Lebourg – Entendi. Como gerente de produção, o senhor é subordinado a quem?

Elias da Silva – Eu sou subordinado ao gerente geral do Complexo Mariana.

Elodia Lebourg – O senhor citou alguns cargos até agora. Eu queria que o senhor mencionasse outros cargos existentes na Companhia. Que tipo de função...

Elias da Silva – No nível operacional, o que a gente tem? Nós temos operadores, mecânicos e eletricitas, que são o pessoal da base, o pessoal que está executando tarefa de manutenção ou de operação. Depois nós temos os técnicos. Normalmente, vamos dizer assim, o técnico I tem um nível de conhecimento ou de escolaridade mais alto do que o dos operadores, mecânicos e eletricitas. Depois, técnico II, técnico especializado ou analista operacional, basicamente... Depois do analista operacional, nós temos os engenheiros. Aí começa engenheiro *júnior*, engenheiro pleno, engenheiro *sênior*, engenheiro *master* – são carreiras técnicas, não é? Na carreira gerencial, além desses técnicos, nós temos o supervisor; depois do supervisor, nós temos o gerente de área, que é o meu caso; o gerente geral; depois nós temos o diretor de departamento; depois o diretor executivo e, finalmente, o presidente da Companhia. Esses são os níveis hierárquicos que a gente... E acima do presidente, logicamente nós temos um conselho de administração, depois nós, que somos os acionistas da empresa. [riso]

Jason Santa Rosa – O gerente, acima do senhor... O que tem?

Elias da Silva – Acima de mim tem o gerente geral do Complexo Mariana que...

Jason Santa Rosa – Do Complexo Mariana. Quais são os complexos?

Elias da Silva – Os complexos que a gente tem: o Complexo de Mariana compreende as minas de Timbopeba, Alegria, Fábrica Nova e Fazendão²⁰. Nós temos o Complexo Minas do Meio, que pega a Mina de Brucutu²¹, Congo Soco²², Água Limpa²³. O Complexo Itabira pega as minas de Cauê e Conceição. Nós tínhamos o Complexo das Minas Oeste. Hoje a gente não fala mais Complexo das Minas Oeste, porque nós dividimos em outra diretoria de departamento. Com a compra da MBR²⁴ mais recentemente, a Vale resolveu dividir as diretorias de departamento. Nós tínhamos uma diretoria de departamento Ferrosos Sul, que compreendia o Complexo Mariana, o Complexo Minas do Meio, o Complexo de Itabira e o Complexo das Minas Oeste que são as minas da antiga Ferteco²⁵ – Fábrica²⁶, Feijão²⁷, por aí. Com o início da incorporação da MBR, nós criamos outra diretoria. A diretoria de Ferrosos, na realidade, passou a ser Ferrosos Sul e nós passamos a ser Ferrosos Sudeste. Lá é Sul e nós somos Ferrosos Sudeste. Dentro da Ferrosos Sul, que é a antiga MBR, que incorporou as minas de Fábrica, hoje nós temos o Complexo do Pico²⁸, o Complexo da região do Feijão, que pega todo aquele corredor da ferrovia que vai no sentido do Rio de Janeiro.

Jason Santa Rosa – Isso foi mais recentemente, não é?

Elias da Silva – Mais recentemente.

Jason Santa Rosa – Quando foi?

Elias da Silva – Basicamente, no final do ano passado se começou a fazer essa divisão. A gente inclusive começou um trabalho de troca de experiências. A gente está em uma época de troca de experiências e de incorporação.

²⁰ Mina de Fazendão, explorada pela Companhia Vale do Rio Doce. Localizada entre Mariana e Catas Altas, município de Minas Gerais.

²¹ Mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em São Gonçalo do Rio Abaixo, município de Minas Gerais.

²² Mina do Congo Soco, localizada em Barão de Cocais, município de Minas Gerais.

²³ Mina de Água Limpa, mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Rio Piracicaba, município de Minas Gerais.

²⁴ Minerações Brasileiras Reunidas, empresa dedicada à mineração e processamento de minério de ferro. Atualmente pertence à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Itabirito, município de Minas Gerais.

²⁵ Ferteco Mineração S/A, empresa dedicada à mineração e processamento de minério de ferro. Atualmente pertence à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais.

²⁶ Mina de Fábrica, mineração de minério de ferro localizada no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais.

²⁷ Mina do Córrego do Feijão, localizada no Quadrilátero Ferrífero.

²⁸ Complexo de mineração que inclui as Minas do Pico, Sapecado e Galinheiro. Localizado no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais.

Jason Santa Rosa – Como você tem visto o que está acontecendo? Você tem uma história rica e de algum tempo para cá há uma mudança muito grande, não é?

Elias da Silva – É. O que ocorre é o seguinte: a Vale teve um crescimento moderado a partir da privatização. Quer dizer, quando a Vale foi privatizada, em 1997, ela teve um período de acomodação, ficou quieta. Ela tinha um problema de cruzamento de ações com a CSN²⁹, que a impedia de crescer, e ela estava em um monte de negócios, com um monte de idéias. De repente, ela resolveu fazer o descruzamento das ações e a nova diretoria da Vale, a nova presidência, resolveu focar a Vale em negócios mais estratégicos. Dividiu-a em Mineração, Logística e Energia, basicamente nessa linha aí, trabalhando. Logo que ela fez essa divisão, ela entrou com a meta de ser uma das primeiras, a terceira maior em 2010, não é? Dentro de seu projeto estratégico, lógico, ela tinha a idéia de fazer incorporações. Ela tinha que ser uma empresa grande; se continuasse no tamanho em que estava, com ações na Bolsa de Nova Iorque, certamente ia ser engolida por uma empresa maior do que ela. Então, até no sentido de se proteger, ela teve que crescer. Rapidamente adquiriu a Samitri, a Ferteco e, agora, a MBR. O crescimento foi muito rápido. Sobre isso a gente não tem dúvida nenhuma! As mudanças foram enormes! Como em toda mudança, as oportunidades surgiram para todo mundo. Então, hoje a gente tem dificuldade, inclusive, de segurar os nossos melhores profissionais na nossa área, porque não foi só a Vale que cresceu. O mercado, para quem está mexendo com mineração hoje, principalmente negócio de minério de ferro, também cresceu. Existe uma concorrência interna e uma concorrência externa também, até para buscar talento nosso, e a gente tentando trazer também. Agora, essa junção com a MBR seria talvez uma coisa mais...

Jason Santa Rosa – De impacto, não é?

Elias da Silva – O impacto maior, exatamente. Porque a MBR é maior do que as outras empresas que foram adquiridas pela Vale. Se a gente pensar que a MBR foi concorrente nossa por muitos e muitos anos, com uma produção de 18 milhões de toneladas, enquanto a Vale batia aí na faixa de 100 milhões, não é? Então, a MBR era a única empresa de porte que a gente considerava

²⁹ Companhia Siderúrgica Nacional.

concorrente da nossa. As outras, às vezes... Pegava a Samarco³⁰: produzia sete milhões e meio. A Ferteco: sete milhões e meio. Samitri: sete milhões e meio. Eram empresas pequenas, a gente comparava como empresa pequena. De repente, a MBR: já está falando em 40, 50 milhões de toneladas hoje! E a gente compra uma empresa desse porte, que tem muita coisa boa, inclusive, para ser trazida para dentro da Vale, não é? Então...

Jason Santa Rosa – Hoje vocês estão em qual processo?

Elias da Silva – Hoje nós estamos em um processo de fusão das duas empresas, logicamente, apesar de ter essa divisão de departamentos. Nós estamos em um processo de formação de grupos para troca de experiências: a gente está levando boas práticas da Vale para lá e trazendo de lá para cá. E aí começa a troca de pessoas, já começa a mudar a cor do uniforme, todo aquele processo normal de fusão de empresas que a gente já vivenciou em outras épocas, só que em um nível um pouco menor. A Vale contratou uma consultoria especializada nesse tipo de trabalho, que está conduzindo e orientando a gente para fazer essas trocas. Eu, por exemplo, sou um coordenador de um grupo de troca de experiências com a MBR. Levo conhecimento da Mina de Timbopeba não só para as minas da MBR, como também para as outras minas, inclusive da Vale. A gente já aproveita para fazer a troca de informações de forma mais sistematizada.

Jason Santa Rosa – Tecnicamente, naquilo que era a produção, altera-se alguma coisa? Tem alterado? Fazendo as experimentações...

Elias da Silva – Pode alterar. No caso específico de Timbopeba, nós adquirimos ao longo do tempo o conhecimento sobre como, de antemão, o minério vai se comportar na usina. É um processo relativamente simples, não é? A gente não tem grandes investimentos. Mas ajuda muito na questão da previsibilidade de resultados no processo e de consumo de insumos também. Então, levamos isso para lá, porque eles não têm essa metodologia. Em compensação, a gente está trazendo uma série de coisas de lá. Por exemplo, na área de manutenção, como você faz manutenção de forma mais sistematizada, porque você tem um grupo móvel que o pessoal chama de equipe volante. Uma troca de experiência muito interessante! E o mais importante disso é fazer com que as pessoas fiquem realmente abertas para

³⁰ Samarco Mineração S/A, localizada em Mariana.

trocar experiências, porque senão fica cada um lá no seu cantinho: “Olha, eu sou o bom!” “Aqui, acho que não tem ninguém melhor do que eu!” A idéia não é essa. A idéia é exatamente a gente trocar experiências e falar: “Olha, eu até pensava que era bom, mas descobri que tem alguém melhor do que eu. Então vamos ver o que a gente pode fazer em conjunto”.

Elodia Lebourg – Senhor Elias, o que é o Sistema Sul e o Sistema Norte da Companhia?

Elias da Silva – Na realidade, o Sistema Norte, basicamente, você pode falar de Carajás³¹. Carajás é o Sistema Norte, a Mina de Carajás, com uma ferrovia e com um porto. Mais ou menos a estrutura que a gente tem aqui. A diferença do Sistema Norte para o Sistema Sul é que lá nós temos basicamente uma mina, que é a Mina de Carajás. A Vale sempre foi montada sobre este tripé: mina – ferrovia – porto. Para ela, isso foi um grande fator de ganho competitivo em relação aos outros concorrentes. Ela tem o minério, tem o transporte e tem o porto. Então, a gente consegue concorrer inclusive com os australianos, que estão próximos ao Japão. A gente consegue colocar minério de forma competitiva lá. Carajás tem a mesma estrutura, que foi montada há alguns anos. Desde 1942, quando a Vale foi fundada, já foi fundada em cima desse tripé. A diferença é que aqui são várias minas. E o que a gente ganha com isso? Com isso a gente ganha flexibilidade. Eu consigo variar bastante a qualidade do minério ofertado no porto. Eu posso pegar o minério de Alegria, misturá-lo com o minério de Timbopeba, com Cauê e Conceição e, no final, tem uma mistura que a gente chama de *blend*. Naquele *blend*, eu incorporo várias características de vários minérios diferentes e falo para o cliente: “Aqui está o seu minério”. Carajás tem uma mina que tem algumas pequenas variações e não tem toda essa flexibilidade. Agora, Carajás tem uma coisa que a natureza deu para eles que é qualidade, [riso] a qualidade intrínseca do minério. Eles não precisam fazer processo de concentração, não precisam usar flotação, não precisam gastar em reagente: basta pegar o minério na mina, reduzir o tamanho, classificar isso em tamanho, colocar no porto e vender.

Elodia Lebourg – Em Carajás, reduzir esse tamanho é ir para a britagem?

³¹ Mina de Carajás, mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada no Pará.

Elias da Silva – É. Em Carajás eles fazem... Eu conheço o processo, porque já estive lá algumas vezes, inclusive prestando consultoria técnica, não é? O que eles fazem? Eles lavram o minério na mina, colocam-no no britador, por várias vezes. Tem que passar até por três etapas de britagem. Peneiram esse material com uma peneira para classificar esse minério por tamanho. Depois separam um NPO – *natural pellet ore* – e um *sinter feed*. Os finos, aqui a gente teria que concentrá-los; lá não, esses finos já são ricos, vão para um processo de [inaudível] e vão gerar um *pellet feed* que a gente chama de *pellet feed natural*, porque não passou por um processo de concentração. Só que lá é o seguinte: quando você vai fazer a pelota, você tem que moer, porque a pelota não é feita no tamanho que a gente produz aqui. Então, eles levaram a moagem da pelotização para Carajás. O minério, quando sai de Carajás, já sai preparado para pelota. No nosso caso aqui, o minério sai para alimentar a pelotização; lá, na pelotização tem um processo de moagem, filtragem... E o processo recomeça, tudo novamente.

Elodia Lebourg – A pelotização não é feita aqui?

Elias da Silva – Não. No caso aqui, hoje Sistema Sudeste, a nossa pelotização está toda em Vitória. São sete usinas de pelotização que produzem cerca de 25 milhões de toneladas/ano de pelota. Está toda lá.

Elodia Lebourg – Sistema Sudeste?

Elias da Silva – Hoje, o nosso Sistema não é mais o Sistema Sul. É Sistema Sudeste. Sistema Sudeste e Sistema Sul. Como eu disse, são dois sistemas hoje. Hoje já não tem Sistema Sul e Sistema Norte. São três sistemas de minério de ferro: Sistema Sul, Sistema Sudeste e Sistema Norte.

Elodia Lebourg – Anteriormente eram Sul e Norte, era isso?

Elias da Silva – Sul e Norte, até que a gente incorporou as minas da MBR.

Elodia Lebourg – Timbopeba tem aproximadamente quantos funcionários?

Elias da Silva – A gente está com cerca de 490 empregados trabalhando.

Elodia Lebourg – Que tipo de regulamento, de normas, esses funcionários precisam seguir?

Elias da Silva – A primeira regra é cumprir o horário de trabalho. [riso] Depois é a questão de segurança. Existem normas de segurança, uniforme, botina, óculos, capacete, abafador de ruídos... Isso aí é obrigatório, não é? A própria legislação coloca o seguinte: não basta fornecer os equipamentos, tem que

fazer usar. Então é papel nosso, inclusive, obrigar o empregado a usar. Claro, tem programa de conscientização, programa de educação para que o empregado use. Tem estudo, por exemplo, para ver qual é o melhor tipo de EPI³², que seja mais confortável, que seja mais eficiente. Mas, no final das contas, o papel nosso é fazer com que o empregado use. Não adianta nada eu entregar para ele o equipamento de proteção e falar: “Eu fiz a minha parte. Entreguei para ele”. A lei não diz isso. A lei fala que a gente tem que fazer usar, não é?

Elodia Lebourg – Que tipo de EPI eles usam?

Elias da Silva – A botina de segurança que, normalmente, tem a biqueira de aço. Uniforme – calça e camisa – que a Companhia... Isso é gratuito inclusive. Tem que usar capacete, óculos e abafador de ruídos. Alguma atividade precisa, talvez, de máscara, mas isso é muito raro. No caso de outras atividades, tipo soldador, tem que usar a máscara, o macacão. Isso aí é obrigatório.

Elodia Lebourg – O uniforme também é fornecido pela Companhia.

Elias da Silva – Gratuitamente.

Elodia Lebourg – Ele difere de acordo com a função?

Elias da Silva – Olha, a gente tem basicamente dois tipos de uniforme: o uniforme de brim, totalmente de brim, e um uniforme que combina poliéster com brim; às vezes, poliéster. Os empregados que trabalham na área administrativa, de escritório, normalmente usam a roupa de poliéster. Na área operacional que é manutenção e operação, apesar de não ser rigoroso... Você falar assim: “Olha, você tem que usar o de brim”. A gente recomenda que se use o de brim, até pela questão do conforto, pela questão de não ser muito suscetível a fogo, a alguma coisa que possa cair. Ele tem um grau de proteção maior. Mas não tem uma regra da Companhia que fale assim: “Tem que usar este e não aquele uniforme”. A gente recomenda e orienta os empregados para que, na área operacional, usem o uniforme de brim. Normalmente, dependendo da função, são cinco pares de uniforme, duas vezes por ano. É claro que, se o empregado fizer uma atividade e se for muito difícil limpar o uniforme ou qualquer coisa assim, ele pode pegar outro par de uniforme na hora que necessitar. Repõe aquilo ali, não tem...

³² Equipamento de Proteção Individual.

Elodia Lebourg – Quando começou a exploração, pela Companhia, das minas da região de Mariana e Ouro Preto?

Elias da Silva – No caso específico de Timbopeba, que foi a primeira Mina da região, de propriedade da Vale... Na realidade, a Vale começou explorando a Mina de Capanema, que fica no município de Itabirito. Lá era uma *joint venture* com um grupo de japoneses liderados pela *Kawasaki Steel*³³. Foi uma época em que a Vale começou a fazer esse tipo de *joint ventures*, porque isso era importante para a gente ganhar mercado. Se você abre uma mina junto com um japonês – no caso específico aqui, em Capanema –, você abre um mercado lá. Isso foi em 1982. Foi um grande projeto, uma mina para lavar cerca de 11 milhões e meio de toneladas, naquela época. Hoje a estrutura foi toda mudada para Fábrica Nova. A gente lavrava o minério em Itabirito, transportava-o por cerca de 12 quilômetros em correias transportadoras, ia para Timbopeba e fazia o processamento lá na usina. Isso em 1982. Em 1984, nós inauguramos uma mina própria – a Mina de Timbopeba –, que originalmente ia trabalhar só com hematita, que é minério rico. Era um processo muito simples, um processo só de britagem e peneiramento. A gente vendia dois produtos: um *sinter feed* e um granulado. Capanema também. Capanema foi originalmente construída para produzir 11 milhões e meio de toneladas/ano, mais um granulado e um *sinter feed*. E os finos – a gente chama de finos, para os quais não tinha mercado na época; o mercado de pelotas não era aquecido como é hoje, não existia essa aplicação tão grande de pelotas – eram descartados. Assim como todas as minas da Vale começaram descartando o fino. À medida que o mercado começou a comprar pelota e as tecnologias foram sendo aperfeiçoadas, a gente passou a utilizar esse fino, como hoje a gente faz, não é?

Elodia Lebourg – Fino é o quê? É o minério em pó?

Elias da Silva – É. Na realidade, quando a gente fala fino, no caso específico desse fino de Capanema, ele é o que está abaixo de 0,15 milímetros. Não sei se dá para vocês terem idéia do que é isso. [riso] Imagine um milímetro dividido em cerca de seis, sete vezes, não é? Seria mais ou menos isso aí...

Elodia Lebourg – É um pó! É um pó! [risos]

Elias da Silva – É. Mas, não... É um pó, um pó grosso.

³³ Siderurgia, atual JFE Steel Corporation.

Elodia Lebourg – Para leigo é! [risos]

Elias da Silva – Pó grosso. [riso]

Elodia Lebourg – No processo de instalação das unidades aqui, vieram funcionários da Companhia de outras frentes de trabalho ou foram contratados novos funcionários?

Elias da Silva – Esse foi um grande problema na época da... Um grande problema e solução. Solução por um lado, mas problema para o outro, não é? O que ocorreu com a Mina de Timbopeba? A Vale do Rio Doce, naquela época, era um gigante adormecido assim... Porque a Vale do Rio Doce era uma empresa grande, mas era uma empresa estatal, pouco conhecida, uma empresa que nunca se expôs em propaganda – e até não era papel dela fazer isso, não é? O minério de ferro era vendido praticamente para o exterior. Não tinha que ficar mostrando Vale do Rio Doce... Talvez a estratégia não fosse essa. Então, a Vale era muito pouco conhecida na região de Mariana. Ou praticamente nada. Eu, por exemplo, estudava na Escola Técnica e eu ouvia falar de Vale: “Ah! Tem a Vale lá em Itabira”. Empresas que a gente conhecia eram Samitri e Samarco, as empresas que já estavam aqui na região e já estavam produzindo minério de ferro há alguns anos, não é? A gente cresceu vendo essas empresas trabalhando, assim como a gente tinha antigamente a Mina Del-Rey³⁴ – funcionava praticamente dentro da cidade e hoje está desativada também. Então, minério de ferro sempre teve, mas não com a Vale do Rio Doce. Aí, como foi o processo da Vale do Rio Doce na construção da Mina de Timbopeba? Ela trouxe para cá grandes empresas de construção. No caso, veio a empresa Odebrecht³⁵. Na época, trouxe um monte de gente de fora, criou um problema relativamente grande em termos sociais, de moradia... A cidade era uma cidade muito pequena. Se a gente comparar Mariana nessa época... Mariana era quase uma vila, muito pequenininha. Além disso, o pessoal que veio para a operação da Vale, na época, era um pessoal da Mina de Piçarrão, em Nova Era³⁶, que foi desativada. Quer dizer, a Vale estava resolvendo um problema daquela população de lá, que não podia

³⁴ Localizada em Mariana, a Mina Del-Rey é uma mina desativada cujo direito de exploração pertence à Companhia Vale do Rio Doce. Fundada em 1961 com o nome de Mineração Mineralogia Ltda., um mês depois adquiriu o nome Mineração Santana e, posteriormente, Mina Del-Rey.

³⁵ Organização Odebrecht, empresa prestadora de serviços nas áreas de engenharia, construção, transportes, mineração e petróleo.

³⁶ Município de Minas Gerais.

desempregar, e a trouxe para cá, para montar uma mina, não é? Então gerou um problema social; na realidade, inflacionou o mercado imobiliário, inflacionou o comércio. Mas trazendo basicamente mão-de-obra de fora.

Jason Santa Rosa – Quando foi isso?

Elias da Silva – Isso foi em 1982, quando começou Capanema.

Jason Santa Rosa – Durou quanto tempo?

Elias da Silva – Ah, isso ficou por grande período assim, não é? A obra não, a obra foi antes de 1984. Mas depois, nas operações, é claro que esse pessoal contribuiu com impostos e tal, mas inflacionou o mercado. Mariana, nessa época, tinha cerca de dois supermercados. Imagina o que é isso...! E o pessoal da Vale trazendo dinheiro... A concorrência não existia. Então, realmente foi um problema, não é? Hoje, em cima dessa experiência, vamos dizer, uma experiência negativa que teve com esse tipo de trabalho, a Vale hoje faz totalmente diferente. Por exemplo, o projeto Fazendão: a gente está buscando empregar as pessoas da região desde o momento da obra. A gente está com um programa de formação profissional, treinando pedreiros, carpinteiros, para a empresa contratada que vai fazer a obra. E demos preferência para recrutar os futuros empregados do projeto Fazendão na região de Mariana, ou seja, Mariana, Santa Bárbara³⁷, Catas Altas e distritos onde a Vale atua. Ouro Preto inclusive, não é? Então a gente aprendeu com isso aí, no passado, e hoje está priorizando a mão-de-obra local.

Jason Santa Rosa – Como o senhor avalia sua trajetória, familiar, do seu irmão, e a sua entrada nesse mundo da mineração? Tudo isso que aconteceu e hoje, o que é a Vale, que não é aquilo que você desconhecía. Como você vê isso, dentro da sua vida, da sua experiência?

Elias da Silva – Na realidade é o seguinte: quando cheguei na Vale é que eu consegui ver o gigante que a Vale era, quando pus os pés lá dentro, quando cheguei à usina de Cauê, uma usina que produzia 22 milhões de toneladas/ano. A gente estava falando de Samarco e Samitri que produziam, cada uma, sete milhões e meio. Aí eu chego a uma usina onde vou fazer estágio: de cara, a usina produzia 22 milhões! Então, assim: “Pôxa! Isso aqui é uma empresa de todo tamanho!” E a Mina de Conceição ao lado, produzindo 20 milhões também. Em duas usinas, a gente produzia 40 milhões de

³⁷ Município de Minas Gerais.

toneladas de minério. Então, eu percebi a grandiosidade da Companhia e falei: “Ôpa! Espera aí! Eu estou como estagiário aqui. [riso] Eu quero ficar nesta empresa”. Hoje, por exemplo, meu irmão mais velho, que era da Samitri, é empregado da Vale do Rio Doce, nessa aquisição, não é? Já tem mais de 30 anos de trabalho e tal e está lá dentro da coisa. Ele, agora, vê o que é uma empresa, até fala: “Pôxa! Eu estava na Samitri. Eu achava que tinha uma empresa de porte. Quando eu entro na Vale, eu vejo que tem empresa melhor que a nossa empresa”. É interessante isso aí. Hoje, a Vale tem um plano que é o Plano de Assistência de Saúde ao Aposentado (PASA). A gente paga e pode agregar familiar. No meu caso, por exemplo, meu pai já está com 74 anos; então eu pago essa assistência médica para ele e ele participa comigo, porque na realidade ele tem os mesmos direitos que eu tenho, como empregado da Vale do Rio Doce, em termos de assistência médica. Eu pago uma taxa. Mas é interessante que eu tenha...

Jason Santa Rosa – E outra coisa, a Fundação Vale, naquela época... Você disse que no início teve a experiência da habitação, através da Fundação Vale. Hoje, evoluindo tanto quanto a própria empresa, ou o raciocínio social de uma fundação, ela está voltada para outra área...

Elias da Silva – Outra área.

Jason Santa Rosa – O que você acha? Qual área é essa? Você conhece o trabalho da Fundação?

Elias da Silva – Conheço. Eu acho que a Fundação, hoje, está em um lugar onde deveria estar: cuidando de problemas essencialmente sociais, não é? Pega aí os programas Vale Alfabetizar, Vale Informática e todos os programas que dão suporte. Qual é a idéia da Fundação Vale do Rio Doce hoje? É criar uma comunidade que seja auto-sustentável. A gente fala que a idéia, hoje, não é mais dar o peixe; a gente tem que ensinar a pescar, não é? O peixe hoje... Amanhã a pessoa quer peixe de novo. Aí você ensina a pescar, ela vai buscar pescar. Então, ela focou o seu negócio desta forma – “Vamos dar suporte” – e é até indefinida a área em que ela deve atuar. De maneira nenhuma, a gente vai dar ajuda, por exemplo... Na época da Vale estatal, tinha ajuda a municípios, porque era uma empresa estatal que tinha influência de políticos. Hoje não existe isso mais. A Fundação trabalha dentro da área em que está, dentro do seu planejamento estratégico. O que agrega valor para o nosso

negócio? Não é dar dinheiro para o pessoal fazer alguma melhoria em um município. Nada disso! Tem que estar dentro da área de saúde, da área de educação, não é? Se estiver dentro dessas áreas, a gente vai atuar.

Jason Santa Rosa – Você sabe que a Fundação é a nossa... Nisso em que você está dentro aqui, hoje... Que é a área cultural.

Elias da Silva – Exatamente.

Elodia Lebourg – Além da saúde, da educação, o que você acha dessa área cultural da Fundação da Vale, dentro da qual está o Trem da Vale?

Elias da Silva – Olha, eu acho interessante o seguinte. A gente tem que resgatar a parte cultural da cidade, quer dizer, o projeto Trem da Vale... Essa obra começou com a Maria Fumaça³⁸ e ainda tem muita gente que enxerga esse Trem da Vale como uma Maria Fumaça. A gente sabe que não é a Maria Fumaça. Na realidade, a gente está querendo fazer muito mais do que isso. A Maria Fumaça é só um pano de fundo, não é? A viagem daqui para Ouro Preto... O que a gente tem que trazer? Tem que trazer mesmo a história da ferrovia, do patrimônio cultural, do patrimônio natural da região: é isso que a gente tem que fazer. Então, é só pano de fundo mesmo, apesar da maior parte da população, acredito eu, o pessoal leigo inclusive, achar: “Ah, a Vale colocou uma Maria Fumaça!” Mas não é a Maria Fumaça! Na realidade, tem todo um projeto cultural por trás disso aí.

Jason Santa Rosa – Você teve a experiência da outra Maria Fumaça, não é?

Elias da Silva – Tive experiência não da Maria Fumaça propriamente dita, não é? Eu tive a experiência do trem que corria de Ouro Preto a Ponte Nova³⁹, que fazia esse trajeto. Ele carregava, logicamente, minério de ferro – a Mina Del-Rey estava ali –, carregava bauxita, trazia bauxita para atender a usina da ALCAN⁴⁰, carregava combustível, carvão e por aí afora. E carregava passageiro. Eu inclusive usei por várias vezes, porque minha mãe mora em um distrito de Mariana; de ferrovia, fica a sete quilômetros de Mariana. Eu usava esse trem inclusive para estudar em Ouro Preto. Aos domingos eu subia,

³⁸ Apelido de locomotiva movida a vapor. O Trem da Vale usa uma Maria Fumaça em seu passeio turístico entre Ouro Preto e Mariana.

³⁹ Município de Minas Gerais.

⁴⁰ A ALCAN era uma fábrica de alumínio localizada em Ouro Preto. Atualmente, chama-se Novelis do Brasil Ltda.

pegava esse trem lá na minha casa e ia até Ouro Preto. E também descia quando estava voltando para casa.

Elodia Lebourg – Qual é o distrito?

Elias da Silva – Bandeirantes, distrito de Mariana. A gente fazia isso. Era menino e via trem carregado passando. Era desse tipo assim. Depois teve uma experiência da Maria Fumaça, que foi um projeto que a Rede Ferroviária Federal⁴¹ tentou fazer. Por diversas razões, não conseguiram manter a locomotiva. Realmente é um trecho difícil... Muito bonito inclusive! Mas é um trecho difícil, porque é muito acidentado e tem todo um esforço da ferrovia para fazer isso aí funcionar. Talvez por isso não deu certo, até porque a Rede Ferroviária não estava conseguindo manter nem seus trens de carga. Manter um trem turístico assim era bastante complicado para ela.

Elodia Lebourg – Bernardo?

Bernardo Andrade – Não.

Elodia Lebourg – A gente já está nos minutos finais da nossa entrevista. Em nome do Trem da Vale, eu queria agradecer sua presença, seu depoimento, e fazer uma última pergunta: [risos] o que você achou de ter participado do Vale Registrar?

Elias da Silva – Olha, eu achei muito gratificante, não é? Eu espero que tenha contribuído para o projeto. [riso] Achei muito gratificante. Eu gosto de participar inclusive desse tipo de atividade e, é claro, de contar a história da gente. Eu teria história para contar para vocês o dia inteiro, mas não é esse o objetivo. Mas é até interessante para que a gente possa divulgar e que isso ainda não seja perdido. Logicamente, vocês estão aqui para poder registrar isso mesmo, para manter essa memória viva e para fazer parte do projeto. O que eu digo sempre é o seguinte: a gente, em Mariana, às vezes, é muito criticada pelo pessoal que vem de fora para morar na cidade. “Ah! Por que não tira essas pedras e coloca asfalto? Ah! Por que não faz isso?” Isso é um verdadeiro absurdo, não é? Quando a gente vai para Paris, por exemplo, a gente acha linda a preservação! E no país da gente, a gente não acha lindo preservar. Então, eu acho que é interessante a gente registrar isso aí e tentar fazer com que a geração que está chegando e a geração que está aí realmente tomem isso como um valor, como um patrimônio a ser conservado.

⁴¹ Rede Ferroviária Federal S/A.

Elodia Lebourg – Obrigada.

Elias da Silva – De nada.

Bernardo Andrade – Obrigado.

[Término da entrevista]